

Mediação, educação e acessibilidade em museus e centros culturais: a trajetória de educadores surdos

Daina Leyton

Resumo: O presente artigo visa analisar por meio da trajetória de educadores museais surdos, as possibilidades de participação e politização no campo da educação museal. Para tanto, o artigo traz o histórico de formação de jovens educadores surdos iniciado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em seguida, com base nas reflexões sobre protagonismo juvenil de Regina Souza, propomos uma diferenciação entre, de um lado, proposições de políticas públicas e do terceiro setor que envolvem os jovens, mas não promovem espaço para inovação, subversão ou criação e, de outro, o percurso dos jovens educadores museais surdos que nos mostra como a educação em museus e espaços culturais pode ser um potente campo de participação e politização.

Palavras-chave: Educação Museal, Mediação, Culturas Surdas, Participação, Representação. Politização. Cultura.

Abstract: Through the pathways of deaf museum educators, this article aims to analyze the possibilities of participation and politicization in museum education within the deaf community. For that, the article shares the history of young deaf educators initiated by the Museum of Modern Art of Sao Paulo. Next, based on Regina Souza's reflections on youth protagonists, we propose a differentiation between the propositions of public policies and third-sector entities – which involve young people but do not promote space for innovation, subversion or creation, and the journey of young deaf museum educators that show us how education in museums and cultural areas can be a powerful space for participation and politicization.

Keywords: Museum Education, Social Prescription, Mediation, Deaf Community, Participation, Representation, Politicization, Culture.

“Hoje somos referências para as crianças surdas. Referências que nós não tínhamos quando crianças” (Edinho Santos).

A afirmação do educador surdo Edinho Santos foi realizada num momento de avaliação de uma programação artística educativa, na qual ele realizava um depoimento sobre seu percurso, desde a infância atravessada por violações de direitos, falta de comunicação na sua língua e sem referências de pessoas surdas adultas atuando com cultura e educação. Sua jornada de tomada de consciência sobre a realidade excludente que vivia e a possibilidade de expressar isso e começar a traçar outros caminhos se iniciou com a experiência como educador em exposições de artes. Partindo de sua jornada e do também educador surdo Leonardo Castilho, refletiremos sobre as possibilidades de participação e transformação no campo da educação em museus ou centros culturais.

A educação museal é uma modalidade educacional que pode promover uma formação crítica dos visitantes e educandos, no viés de uma educação emancipadora. No entanto, na prática são raros os espaços culturais que mantêm condições de trabalho que permitam a pesquisa e atuação continuada de sua equipe educativa. Para refletir sobre as possibilidades de impactos e transformações decorrentes da educação museal, analisaremos os percursos de dois educadores surdos que, após realizarem uma visita com a escola em que estudavam ao Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), passaram a fazer um curso de formação de educadores lá. Acompanhando as jornadas desses educadores e os desdobramentos de sua atuação nos museus em que estiveram, podemos refletir sobre a politização da educação museal. Começamos com o histórico do projeto *Aprender para Ensinar*: um curso de formação de educadores surdos realizado no MAM que foi idealizado após visitas escolares com grupos de alunos adolescentes surdos ao museu.

Aprender para Ensinar

Iniciado em 2002 como um curso livre, tornando-se em seguida um projeto, o *Aprender para Ensinar* foi um processo de formação de estudantes adolescentes surdos que nasceu a partir da constatação do prejuízo existente na comunicação entre os educadores-artistas (EA) do museu e os visitantes adolescentes surdos. Os educadores do museu eram ouvintes e desconheciam a Língua Brasileira de Sinais

(Libras). Os adolescentes surdos visitavam o museu acompanhados de seus professores, que tinham algum conhecimento, mas não eram fluentes em Libras e tampouco estavam familiarizados com os conteúdos das exposições do museu. Fazia-se necessário, portanto, um longo e precário processo de interpretação e de busca de compreensão entre todas as pessoas envolvidas.

Essa situação tinha como contrapartida a intensa comunicação dos visitantes surdos entre si, por meio de gestos, olhares e expressões, mas nada do que eles diziam chegava ao EA. A dificuldade de comunicação entre o EA e os visitantes surdos direcionava a atenção de todos mais para o que estava sendo dito e traduzido que para a exposição em si, ou para a experiência que poderia ser vivenciada a partir do contato com as obras expostas. O interesse dos visitantes pela exposição era notável, mas suas dúvidas, questões e reflexões não eram suficientemente exploradas, por causa do longo percurso de comunicação estabelecida entre o educador-artista do museu e o grupo. Com a intenção de que os surdos pudessem ser recebidos no museu em sua “primeira língua”, nasceu a ideia deste projeto: formar jovens surdos para receber os visitantes surdos nas exposições do museu. (LEYTON; LUCENA; MUSSI, 2008, p. 1)

O objetivo inicial do curso/projeto *Aprender para Ensinar* era despretenso: promover um espaço para que as alunas e alunos na faixa de 15 a 17 anos de idade pudessem ter contato e debater questões das exposições do museu, para poder receber seus colegas mais novos da escola e realizar a mediação das exposições do museu na sua língua primeira: a Língua Brasileira de Sinais.¹

A proposta de realização do *Aprender para Ensinar* foi trazida pela coordenadora pedagógica da equipe educativa do MAM na época, Marisa Spizgel, e o curso foi desenhado pelas educadoras-artistas² Cibele Lucena e Joana Zatz Mussi. Na época, eu estava como assistente do *Programa Igual Diferente*³, programa do qual o curso

¹ De acordo com o linguista Élie Bajard (2005 apud LEYTON; LUCENA; MUSSI, 2008, p. 6), “[...] o surdo nascido de pais ouvintes defronta-se com a difícil situação de não herdar uma língua de sua família. Para conquistar a língua dos sinais, a criança surda precisa, imperativamente, conviver dentro de uma comunidade de crianças surdas. Assim, antes do diagnóstico e do contato com essa comunidade, não possui uma língua materna. Frequentando uma comunidade surda de uma instituição educativa, aprende uma 'primeira língua'. Depois, em sua fase de alfabetização, descobre a língua portuguesa, como 'segunda língua'”. Portanto, utilizaremos os conceitos de “língua primeira” e “língua segunda”, que se aplicam melhor aos surdos do que os conceitos de língua materna e língua estrangeira.

² Termo usado no educativo do MAM, pois todos educadores tinham uma pesquisa de criação artística.

³ Iniciado em 1998 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, O Programa Igual Diferente é uma programação de cursos gratuitos de diversas modalidades artísticas que convidam o público a fazer e pensar a arte em um ambiente criativo e acessível a todos, independente de suas condições física, social ou psíquica.

Aprender para Ensinar fazia parte, tendo em seguida me tornado coordenadora desse programa.⁴

O *Aprender para Ensinar* se mostrou uma experiência muito positiva para os alunos participantes e para a equipe do museu, que passou a receber novas turmas de alunos surdos, que por sua vez – depois de passarem pelo curso – recebiam outras novas turmas para visitar as exposições. A parceria inicial foi com a Derdic – Escola Especial de Educação Infantil e Ensino Fundamental para crianças e jovens surdos mantida pela Fundação São Paulo e vinculada academicamente à PUC-SP. Depois foi ampliada para outras escolas de educação de surdos como a EMEBS Anne Sullivan, o Instituto Santa Terezinha, a Escola Bilingue para Surdos (SELI), a EMEE Anne Sullivan, EMEE Hellen Keller, a EMEE Mário Pereira Bicudo, a EMEE Neusa Basseto e o Centro de Educação para Surdos Rio Branco (CES).

O projeto seguiu por anos consecutivos, promovendo a formação de adolescentes surdos de diferentes escolas da rede pública e privada de ensino. Os adolescentes que participavam dessa formação recebiam visitantes surdos, entre crianças e adultos, das suas próprias escolas e de outras instituições, além do público espontâneo de pessoas surdas. Uma potente e interessante rede de encontros, conhecimentos e debates da comunidade surda passou a acontecer no espaço do museu.

Nas reuniões pedagógicas que realizávamos sobre os cursos do *Programa Igual Diferente*, nossa consultora pedagógica Fátima Freire Dowbor, sempre trocava o nome do curso dizendo “Ensinar para Aprender” ao invés de “Aprender para Ensinar”. A acidental troca dos termos nos trazia uma reflexão sobre o que acontecia no projeto, nos remetendo à afirmação de Paulo Freire de que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 13). Essa troca acidental da ordem das palavras anuncia os aprendizados pelos quais passaram as pessoas e os equipamentos culturais e educacionais envolvidos nesse projeto.

⁴ Para situar de onde falo em cada momento: em 2002 comecei a acompanhar as ações educativas realizadas para públicos diversos: entre pessoas com deficiência e o público da saúde mental. Em 2003 passei a integrar a equipe do MAM como assistente do Programa Igual Diferente. Em 2004 passei a coordenar o Programa Igual Diferente. Em 2010 instituí a área de acessibilidade, e em 2011 passei a coordenar o educativo.

O contato com o público surdo no MAM nos mostrou um novo universo que teríamos muito a dialogar e compreender. O contato com essa comunidade, com língua e culturas próprias, deixou evidente a importância de que as visitas mediadas no museu tivessem como eixos condutores questões que são próprias aos surdos (LEYTON; AIDAR, 2019, p. 94).

Assim, o maior legado do projeto não foi o acesso da comunidade surda aos museus e centros culturais, mas sim a oportunidade que esses espaços tiveram de entrar em contato e conhecer as culturas surdas. Menciono aqui alguns exemplos de impacto e transformações que se deram nos espaços culturais pela presença de educadores surdos em suas equipes, para refletirmos sobre como essas instituições devem se repensar a partir da perspectiva da acessibilidade. Como afirma a educadora e pesquisadora cega Camila Alves (2021, p. 37), "a inserção das pessoas com deficiência em museus e espaços culturais é um dispositivo transformador tanto de questões sociais de exclusão e políticas públicas como um analisador para o funcionamento do Espaço do museu".

Após alguns anos do início do curso, alunas e alunos que participaram do *Aprender para Ensinar* passaram a ser contratados por diversos museus paulistanos como: o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), a Pinacoteca do Estado de São Paulo, O Instituto Itaú Cultural, o Museu Afro Brasil, o Centro Cultural Banco do Brasil, a Bienal de Artes de São Paulo, o Instituto Tomie Ohtake, entre outros. Descreverei algumas transformações que se deram pela presença de educadores surdos na equipe do museu principalmente pela ótica do MAM, onde Leonardo Castilho e Edinho Santos começaram a trabalhar. Concomitantemente, porém, diversas transformações ocorreram nos outros museus e centros culturais aqui citados. Leonardo Castilho trabalhou como educador integralmente de 2008 a 2021. Atualmente ele ministra um curso de performance e coordena o *Corposinalizante* no MAM. Edinho Santos trabalhou de 2008 a 2009 no MAM e, depois, passou a trabalhar no Museu Afro Brasil, na Bienal de Artes de São Paulo e no Museu do Futebol. Atualmente integra a equipe do Itaú Cultural.

A presença permanente de educadores surdos na equipe do MAM incentivou que as escolas e instituições para pessoas surdas passassem a visitar recorrentemente o museu. O convívio com os educadores, alunos e o público surdo no MAM trouxe mudanças na forma de idealizar e realizar a programação aberta ao público. Não fazia mais sentido promover ações culturais que não contassem com a

Língua Brasileira de Sinais. O contato com a Libras pelos educadores surdos, além dos alunos dos cursos e participantes das demais atividades, fez com que a equipe do museu tomasse consciência de como o *corpo fala*: além de uma língua com estrutura gramatical própria, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão do Brasil desde 2002, a Libras passou a ser reconhecida como também um precioso recurso expressivo e poético. Apresento a seguir alguns exemplos de ações que foram criadas a partir dessa perspectiva:

Canto Livro no MAM

Idealizado pela cantora Joana Garfunkel e pelo poeta e compositor Jean Garfunkel, o *Canto Livro* é um projeto que une a literatura, a música e a poesia. Em 2011 iniciamos uma temporada de espetáculos do *Canto Livro no MAM* com um repertório musical, poético e literário que dialogava com cada exposição em cartaz. Os espetáculos eram performados em Libras, o que implicava uma profunda pesquisa de tradução e interpretação para trazer ao público surdo uma qualidade de experiência estética. Para integrar esse projeto foram convidadas as tradutoras-intérpretes de Libras Naiane Olah e Lívia Villas-Boas, que já pesquisavam a relação da música com a Libras, e a professora de crianças surdas fluente em Libras Amarilis Reto, que por sua vez pesquisava na sala de aula a relação da poesia e da Libras. As três profissionais na época atuavam no CES, escola parceira do MAM.

Além da acessibilidade para o público surdo, os espetáculos instigavam o interesse do público ouvinte por aguçar sua percepção por meio das expressões, gestualidade e movimentos performados na Língua Brasileira de Sinais. As apresentações do *Canto Livro no MAM* geravam espanto e admiração por parte do público. A interpretação musical em Libras era ainda uma experiência nova e menos difundida do que atualmente. Hoje, apesar de ser mais comum presenciarmos espetáculos musicais com interpretação em Libras, nem todas as interpretações contam com um processo de pesquisa, ensaio e performatividade que favoreça a experiência estética ao público surdo, aspectos priorizados no projeto *Canto Livro no MAM*.

Histórias para ver e ouvir

A educadora-artista e contadora de histórias Mirela Estelles, que em 2011 fazia parte, mas atualmente coordena o educativo do MAM, vivenciava as ações realizadas com e por surdos no museu. Inspirada pela convivência com a Libras, Mirela propôs um projeto de narração de histórias em parceria com a professora de crianças surdas Amarilis Reto, que também participou do projeto *Canto Livro no MAM*. A partir de 2011, a narração bilíngue de histórias passou a integrar a programação cotidiana do MAM. A proposição é destinada às crianças surdas, que frequentam a narração de histórias com seus familiares surdos ou ouvintes, e também aos pais ou mães surdas que compareciam com suas crianças ouvintes. Assim, familiares que têm diferentes línguas primeiras podem fruir de uma atividade artística juntos. Atualmente, o projeto “*Histórias para ver e ouvir*” transcendeu o espaço do MAM e também acontece em outros centros culturais, bibliotecas e festivais. Sobre o processo de pesquisa e criação conjunta com a professora Amarilis Reto, a educadora Mirela Estelles comenta:

Em alguns momentos da história, falamos e sinalizamos ao mesmo tempo, respeitando a estrutura de cada língua. Ao cruzarmos as duas línguas, reforçamos a potencialidade de cada uma em suas diferentes características que se somam; a Libras por sua visualidade expressiva, e o português por sua poesia metafórica. Assim, ampliamos as possibilidades de leitura e interpretação imagética da narrativa (ESTELLES, 2015, p. 7).

Corposinalizante

Em 2008, por uma demanda dos próprios ex-alunos do *Aprender para Ensinar* que tinham crescido e se formado na escola e queriam manter encontros para debate e criações de proposições artísticas em Libras, nasceu o *Corposinalizante*: grupo de trabalho e estudos de jovens surdos e ouvintes que desenvolve projetos culturais diversos em prol da identidade e das culturas surdas.

O *Corposinalizante* teve início em 2008 e acontece até hoje semanalmente no MAM. O grupo é aberto a pessoas surdas ou pessoas ouvintes interessadas nas culturas surdas. A potência expressiva e poética e a performatividade da Língua Brasileira de Sinais, além das demandas da comunidade surda são os principais materiais de trabalho do *Corposinalizante*, que realiza documentários, intervenções poéticas e performances, entre outras ações artísticas.

Curso de Libras para equipe do museu

Com intuito de que a equipe do museu pudesse aprender a Língua Brasileira de Sinais e se comunicar melhor com o educador surdo da equipe Leonardo Castilho, além de receber com mais qualidade a comunidade surda frequentadora do museu, propusemos à diretoria do MAM que fosse disponibilizado curso de Libras à equipe de funcionários. Começamos com a equipe de segurança, com aulas semanais ministradas pelo próprio Leonardo. Em seguida, avaliamos a necessidade de contratar professores de Libras surdos profissionais, com a devida formação em Letras Libras, e passamos a oferecer essa formação para toda a equipe do MAM, por meio do departamento de recursos humanos. Devido à alta rotatividade dos funcionários no museu, tivemos que retomar o curso básico de Libras por consecutivos semestres. O interesse por parte dos funcionários era alto e as inscrições encerravam rapidamente, porém, por motivos diversos havia muita falta às aulas e evasão, sendo o motivo mais recorrente a impossibilidade de comparecer devido a alguma urgência do próprio trabalho no museu. Em contraponto, a equipe educativa (na época, a que tinha menos rotatividade no museu) seguia com as aulas de Libras, passando para o nível intermediário e chegando no avançado. A Libras passou a ser uma forma de comunicação entre a equipe de educadores do MAM com o educador Leonardo Castilho e também ocasionalmente dos educadores ouvintes entre si. Atualmente, há educadores e ex-educadores da equipe do MAM capazes de se comunicar em Libras com pessoas surdas.

A prática fotográfica junto às pessoas não videntes

caminhos inclusivos para o sentir ***Encontro de Artes e Culturas Surdas:***

Realizado em 2013 em parceria com o instituto Mais Diferenças, o encontro reuniu artistas, educadores e pesquisadores surdos, brasileiros e de outros países, com o objetivo de debater e fruir as Artes e as Culturas Surdas. Hugo Eiji, pesquisador de culturas surdas, que então integrava a equipe do Instituto Mais Diferenças e organizou

com o MAM o encontro,⁵ escreve sobre Arte Surda no blog de sua autoria, culturasurda.net:

Arte Surda, aqui, é entendida como todas as produções artísticas que trazem à tona – em diferentes suportes – questões relacionadas às culturas surdas. Seja em pinturas, gravuras, esculturas, instalações, performances, produções audiovisuais, espetáculos teatrais etc., a Arte Surda convida – e convoca – o espectador à imensidão do mundo surdo, expressando de diferentes maneiras a história, as lutas, as línguas, as experiências cotidianas, os protagonismos, os marcadores culturais, as narrativas, as tensões, os desafios etc. que permeiam esse mundo, refratando os discursos ouvintistas que dia a dia seguem a apequenar a potência da diferença Surda.

A designação Arte Surda (conhecida também como De'VIA – Deaf View/Image Art, sobretudo no universo das artes plásticas, em alguns países de língua inglesa), assim, vincula-se às produções que têm em seu cerne a expressão de mundos e identidades surdas, independentemente de tais obras serem produzidas por pessoas surdas ou ouvintes. Em outras palavras, a definição é dada a partir dos elementos que compõem a obra e não pela condição física/sensorial de seu autor, o que em muito contribui para minar o gesto paternalista que comumente ronda o fazer artístico de pessoas com deficiência (EIJ, 2018).

Atuação do educador surdo Leonardo Castilho em obras expostas no museu:

O artista paulista Stephan Doitschinoff e a artista mineira Maré de Mattos, em contato com a dinâmica do educativo do MAM e da Libras na programação, que passaram a ser marcos identitários do museu, convidaram o educador Leonardo Castilho a performar em Libras nas suas obras:

3 *Planetas 3000 Panoptic Wave*, 2016, de Stephan Doitschinoff:

Exposta no MAM na exposição *Educação como matéria-prima* em 2016, a obra concebida pelo artista Stephan Doitschinoff em parceria com o MAM Educativo, é uma instalação multimídia que propõe aos participantes refletirem sobre algumas das várias codificações a que estamos submetidos cotidianamente. Nela, os visitantes podem jogar um videogame que permeia o universo das escolas, corporações, presídios, manicômios e condomínios. O hino “Três Planetas” fica tocando durante o jogo e anuncia o fato de que, se continuarmos no ritmo de consumo atual, precisaremos de três planetas para consumir. O hino é interpretado na Língua Brasileira de Sinais por Leonardo Castilho e não contém legendas nem letra. Dessa forma, está acessível somente às pessoas que têm fluência da Língua Brasileira de

⁵ A programação do I Encontro de Artes e Culturas Surdas se encontra disponível em <http://culturasurda.net/eventos/encontro/>. Acesso: 04 set. 2022.

Sinais, invertendo a lógica do *ouvintismo* na qual quase sempre a realidade é ao contrário: ouvintes têm acesso e surdos não.

Fundamento, 2019, de Maré de Mattos

Exposta em 2019 no *36º Panorama da Arte Brasileira: Sertão, a obra Fundamento*, da artista Maré de Mattos, é uma poesia multimídia que ocupa toda uma parede, na qual trechos da poesia são escritos em diversos suportes, sendo um deles a interpretação em Libras por Leonardo Castilho. A artista concebeu e reprogramou sua obra de acordo com a Libras, considerando qual distribuição das palavras faria mais sentido junto com os vídeos expostos em tablets.

A obra nasce da observação do poder devastador que a colonialidade exerce sobre a vida. Ainda, sobre invenções de estatutos regulatórios que desconsideram muitos modos de existência e, sobretudo, a partir de inquietações sobre como exercitar a subjetividade após processos de desumanização. A obra se configura a partir do desejo latente em estabelecer contato com sujeitos limitados pelo princípio da normalidade e aprender com o poder que essas existências têm de reconfigurar caminhos (MATOS, 2019).

Slam do Corpo

Uma das atuações de maior destaque e reconhecimento que teve origem no *Corposinalizante* foi o *Slam do Corpo*: “uma batalha de poesia que acontece na imbricação da Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, dois modos de língua e linguagem” (LUCENA, 2007, p. 11):

Nascido de um processo de pesquisa e criação de poesias em Libras e português nos encontros semanais do *Corposinalizante*, o *Slam do Corpo* é a primeira batalha de poesias em Libras e português do Brasil que se dá no encontro e fricção entre essas duas línguas – chamados por seus integrantes de “beijo de línguas” – e que atualmente intervém e participa de diversos saraus e *slams* organizados por surdos ou ouvintes. A pesquisa que nasce no Museu de Arte Moderna de São Paulo e transcende o seu espaço, nos mostra a importância de instituições culturais fomentarem espaços para a pesquisa continuada de processos artísticos. A prática fotográfica junto às pessoas não videntes caminhos inclusivos para o sentir.

Espaço e tempo para refletir sobre como a realidade se apresenta, para conceber e instituir novas possibilidades:

A tomada de consciência e as transformações aqui relatadas nos espaços culturais, só são possíveis quando esses compreendem que sua missão não é a mera transmissão de conteúdos sobre arte, e sim possibilitar que o público e equipe do museu, pelas linguagens artísticas, entrem em contato com questões da realidade para refletir sobre elas e poder então investigar possibilidades de criação, concepção e ressignificação.

Possibilitar um *tempo-espaço* de suspensão, destinado ao estudo e à experimentação é fundamental para a conscientização e ação, partindo da realidade do museu e expandindo para o mundo. A questão da falta de representação de diversos grupos considerados minoritários, entre eles as pessoas com deficiência, deixa claro como os museus e espaços culturais são excludentes em diversas instâncias. A experiência do *Aprender para Ensinar* e todas as ações que se desdobraram a partir dela, envolve tanto a questão da exclusão das pessoas com deficiência, quanto a da participação de adolescentes e jovens em espaços culturais.

Para esclarecer a que participação me refiro, recorro à análise de Regina Souza a respeito do discurso do protagonismo juvenil, que circulou fortemente nos anos 1990 em organizações do terceiro setor e no campo da educação não formal, mas que é precedida por um discurso desde os anos 1980 sobre a participação da juventude.

Abordando as diretrizes internacionais, políticas públicas, sua apropriação pelas organizações não governamentais, entre outras iniciativas, Souza atenta para alguns pontos nesse processo: a adoção do “fazer coisas” como forma de participação, a fabricação do consenso pelo discurso, a evitação da palavra política, ou seja, todo um caminho que pressupõe a participação dos jovens, mas que é pré-estabelecido e que, portanto, impede a fala autônoma e transgressora. A autora mostra como no passar dos anos os termos “participação” e “protagonismo juvenil” vêm sendo usados no sentido de realizar atividades, fazer coisas, mas que já estão de certa maneira encaminhadas. A “participação” não contempla a subversão, a crítica e a possibilidade de transformar algo de maneira imprevisível. Souza chama a atenção também para o fato de que a contribuição da juventude é trazida e fomentada por um discurso que evita se apresentar como político ou ideológico:

Por sua vez, os documentos dos organismos internacionais, raramente, para não dizer nunca, usam o termo política; recomendam, sim, a participação da juventude. Em qualquer dos casos, o discurso evita apresentar-se como político, muito menos como ideológico, e o próprio fato de não se exibir como tal dá-lhe maior garantia de disseminação e eficácia (SOUZA, 2009, p. 10).

Tal fato nos remete à conhecida afirmação de Paulo Freire (1974) de que não existe imparcialidade, pois somos todos orientados por uma base ideológica. A grande questão seria identificar se essa base ideológica é inclusiva ou excludente. A maneira de incitar e convocar a participação dos jovens para contribuir com caminhos que não serão questionados no seu cerne acaba por impedir transformações estruturais:

O discurso forja um consenso uma vez que impede a palavra transgressora (cf. TELLES, 1999, p. 180-86). Sem a palavra transgressora não há como inaugurar uma maneira alternativa de explicar a vida social, produzindo um contradiscurso. Não há possibilidade de interpelação do estabelecido, de contestação (de critérios, princípios e regras) e reivindicação (de direitos que já não estejam previstos como serviços). Não há possibilidade de criação e participação no poder. Não há possibilidade de intervenção no rumo dos eventos, portanto, de ação política. O consenso anula a política e dissimula a dominação (SOUZA, 2009, p. 15).

Quando corpos dissidentes – nesse caso, visitantes surdos nos museus e espaços culturais que até então não consideravam a sua existência – passam a ocupar lugares até então exclusivos para corpos normativos, existe um embate entre diferentes realidades no qual a exclusão é escancarada. Essa situação demanda uma tomada de consciência das pessoas que atuam naquela instituição cultural para as transformações que se fazem urgentes. Se a proposta for apenas integrar as pessoas com deficiência como equipe ou como público, sem se propor a repensar e mudar radicalmente a conduta institucional, pouca coisa acontecerá. O filósofo e fotógrafo cego esloveno Evgen Bavcar traz essa reflexão em artigos escritos sobre o “Museu de outra percepção”:

Por que o museu de outra percepção? Porque os museus estabelecidos hoje, os museus que funcionam, são feitos, supostamente, para pessoas normais, pessoas que percebem de maneira convencional, genericamente falando, sem esforço algum. Assim, coloca-se este problema: como conceber o museu de outra percepção? [...] Estamos apenas começando a evocar esse problema, porque durante séculos fomos acostumados a ser silenciados e a ouvir os outros, fomos acostumados a que outros falassem em nosso nome, em vez de termos nosso próprio discurso, de nós mesmos falarmos sobre nossas necessidades, nossa liberdade e nossa escravidão – ou

seja, nossa maneira de sermos privados da liberdade. (BAVCAR, 2015, p. 43-44)

Foi inspirada nas reflexões trazidas por Bavcar e no convívio cotidiano com o público de pessoas com deficiência que passei a compreender que a acessibilidade não deveria simplesmente promover o acesso ao que já existe e está instituído, mas também promover acesso ao que se deseja que exista. Se a realidade apresentada exclui tantas pessoas, cabe a nós promover o exercício de ler essa realidade, experimentar possibilidades de outras realidades e finalmente traçar os caminhos para que elas sejam possíveis, como as ações geradas pela presença de educadores surdos nas equipes dos museus. Se a presença de um educador surdo num espaço cultural se resumir a traduzir ou interpretar conteúdos a serem transmitidos ao público, será a continuação de uma realidade excludente, disfarçada de inclusiva.

No projeto *Aprender para Ensinar*, a premissa inicial era que as perguntas orientadoras de cada visita mediada deveriam partir de questões dos próprios educadores surdos. Quais são as questões urgentes? Qual diálogo pode ser desencadeado em contato com determinada obra de arte? O que pode ser expressado, esboçado sobre essa realidade lida coletivamente? E o que pode ser feito sobre isso?

O percurso de Leonardo Castilho e Edinho Santos

Após conhecermos as transformações geradas no Museu de Arte Moderna de São Paulo com a presença de Edvaldo Santos, o Edinho, e Leonardo Castilho, o Léo Castilho, na equipe, apresento uma minibiografia de ambos para conhecermos seus percursos desde a participação quando adolescentes no curso *Aprender para Ensinar*, em 2002. Com isso, refletiremos sobre as transformações que se iniciam na educação museal com a participação, a politização e a representatividade, cujos desdobramentos e impactos são imprevisíveis.

Leonardo Castilho é atualmente educador, ator, *performer*, ativista, MC e produtor. Iniciou um estágio no MAM em 2008 onde passou a atuar como educador, coordenar o grupo *Corposinalizante* e ser professor do curso *Processos de Criação em Performance*. Paralelamente ao trabalho no MAM, Leonardo desenvolveu outras atividades, entre elas: é um dos idealizadores e responsáveis pela festa *Vibração*,

Bloco de Carnaval *Vibramão* e a *Sencity* Brasil: festas realizadas pela comunidade surda (CORPOSINALIZANTE, 2014). É produtor e artista do *Festival Clin D'Oeil*, Mestre de Cerimônias do Slam do Corpo, foi repórter em libras para a Multishow no Rock in Rio 2017, interpretou as músicas em Libras palco Sunset dos shows da Liniker e da banda Baiana System, no Rock in Rio e no auditório Ibirapuera.

Edinho Santos atualmente é educador do Itaú Cultural. Já trabalhou também como educador no MAM São Paulo, na Bienal Internacional de Arte de São Paulo, no Museu Afro Brasil e no Museu do Futebol. Atualmente participa de campeonatos de poesia e slams, tendo sido finalista do Slam BR – campeonato Brasileiro de Poesia Falada, disputado anualmente em São Paulo e que reúne slammers de todo o Brasil. Em suas ações artísticas e educativas, Edinho dissemina para a população geral a consciência da surdez como uma questão de identidade. Considerando que a ausência da audição gera línguas e culturas próprias, ele aborda esse contexto por meio de diferentes manifestações criativas contemporâneas realizadas na Língua Brasileira de Sinais.

Em 2018 escrevi sobre a metodologia do educativo do MAM de se proporcionar visitas mediadas com o que chamamos de “experiências poéticas” para em seguida trazer o percurso de Leo como exemplo de processos de transformação que podem ser desencadeados:

A palavra **experiência** vem do latim *experiri*, provar (experimentar). O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo⁶. O que se inicia numa experiência, não se sabe onde vai chegar. Já a palavra **poética**, na sua etimologia grega *poiesis*, significa criação. A raiz *poie* é a mesma que encontramos no verbo grego *poiéo* que significa fabricar, compor ou fazer. A **experiência poética** é uma situação de experimentação por campos em que os resultados não são previsíveis. É a iniciação de um processo em que algo pode ser criado (LEYTON, 2018, p. 21).

Leonardo Castilho vivenciou as **experiências poéticas** como público, quando visitava o MAM, e depois, quando passou a concebê-las como educador para outros visitantes surdos. Sempre tendo como referencial o próprio corpo para pensar o que pode ser expressado e transformado, sua pesquisa e presença no MAM nos trouxeram diversas questões: como o corpo comunica? Como eu encontro um canal efetivo de compreensão entre os diversos grupos de surdos visitantes? O que gostaria que soubessem sobre a realidade e sobre

⁶ Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada em *Leituras SME – Textos – subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/ FUME*, 2001.

a cultura surda? Como os surdos experienciam a música? Qual a visualidade do som? Indagações que, por sua vez, desencadearam as seguintes: de que sinto falta nos espaços culturais? Qual a realidade que eu vivencio? Qual a realidade que eu desejo? E o que eu posso fazer nessa direção? Essas questões foram a base de diversos projetos em Libras no museu e transformaram a própria realidade do MAM.

O percurso de pesquisa e criação, dentro e fora do museu, levou Leonardo a ser convidado, em 2014, para participar da Conferência Municipal de Cultura, evento que reúne representantes da sociedade civil e do poder público para discutir propostas de políticas públicas. Sua atuação na conferência, anunciando as urgências necessárias para que as pessoas com deficiência possam realmente fruir e produzir arte, levou-o a ser eleito delegado nacional e a representar o estado de São Paulo na Conferência Nacional de Cultura. Lá, Leonardo pôde contribuir nas várias diretrizes de acessibilidade que estão hoje no Plano Nacional de Cultura, documento que anuncia as diretrizes para o planejamento e implementação de políticas públicas de longo prazo voltadas à proteção e promoção da diversidade cultural brasileira. A jornada de Leonardo Castilho elucida bem o que queremos dizer quando afirmamos no MAM que acessibilidade, para nós, não é apenas promover acesso ao que já existe, mas, sim, pensar e construir a realidade que se deseja viver (LEYTON, 2018, p. 25).

Importante contextualizar que quando chegou à Conferência Nacional de Cultura, Leonardo se deparou com a ausência de tradutores-intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), de maneira que ele não teria como compreender e participar do que estava sendo elaborado. Ele disse então que a conferência não começaria nem aconteceria enquanto não disponibilizassem um intérprete. Reivindicava um direito fundamental básico, numa realidade de tantas violações de direitos pela qual as pessoas com deficiência passam diariamente. É notória a consciência de não mais aceitar esse tipo de violação e poder se posicionar. A organização da conferência foi então atrás de intérpretes de libras e todos os participantes tiveram que aguardar o tempo que fosse necessário para que Leonardo pudesse participar da conferência e trazer as demandas de acessibilidade, de forma transversal, ao Plano Nacional de Cultura. Nas palavras de Leonardo Castilho quando estávamos realizando uma avaliação junto com o público de um programa do Sesc Belenzinho do qual fui curadora, chamado *Poéticas do acesso*:

Vou contar um negócio importante que aconteceu: participei da Conferência Municipal de Cultura. [...] E daí teve uma consulta para gente elaborar esse projeto, eu fui lá para lutar pela acessibilidade. Comecei na conferência municipal, depois estadual, depois nacional. Lá tinha pessoas de diferentes culturas: indígenas, LGBTQIA+, pessoas com deficiência. Fiquei bobo de ver porque era uma diversidade muito grande e cada um lutando pelo seu eixo, pelas suas

pautas, para que fossem incluídas no programa de cultura a partir dos municípios, entre os estados, enfim... E a gente queria que as pessoas com deficiência fossem vistas finalmente. Essa é uma luta que não acaba. Então a gente corria, lutava lá no evento para pedir para as pessoas colocarem na votação, nos eixos. Lá tinham dois surdos só, só eu e mais um do Nordeste e a gente tava tentando avisar para todo mundo que estava lutando pelos seus eixos, para não esquecer da acessibilidade, porque é uma luta muito grande, a gente precisa de uma mudança. Agora o Plano Nacional de Cultura prevê que tenha acessibilidade nos projetos culturais, então os editais que se abrem, que tem fomento do governo federal, precisam ter acessibilidade. Nós surdos a gente luta sempre pela acessibilidade, a gente se manifesta. Na época daquelas manifestações, nós fizemos uma também, porque a gente também queria ser visto, olha a gente! Tô aqui! Eu preciso viver como vocês, eu pago impostos, eu participo da sociedade de alguma forma e o que eu tenho de retorno são sempre barreiras.⁷

No mesmo evento, Edinho Santos trouxe em seu depoimento:

O fato de hoje poder participar de grandes projetos culturais é um grande passo: é podermos ser referências para as próximas gerações de surdos. Referências que nós não tivemos. Porque quando criança, nós não conhecíamos surdos artistas, educadores de espaços culturais, arquitetos, designers, etc. Eu já trabalhei em vários espaços culturais e convivi com pessoas que não tinham nenhum pensamento ou noção de acessibilidade. Que não tinham ideia de como se conectar com pessoas surdas. Poeticamente eu descobria maneiras de estabelecer trocas para que esse ambiente fosse transformado. Como sensibilizar as pessoas pela poesia. Daí, quando a instituição já estava preparada, transformada, eu ia para outra instituição e pensava: vou começar do zero aqui. Hoje olho para trás e vejo os lugares que trabalhei, vejo meu papel de abrir caminhos, de transformar espaços.

E o que todos nós precisamos é dessa transformação, um processo de retirar os limites e barreiras, e como fazer isso? Através de estratégias poéticas, de coração aberto, de tentar dar aquilo que você tem de melhor, levar uma semente. A semente vai florescer, brotar com uma transformação, que vai levar, ser levada para outro lugar, e depois para outro lugar, até onde a gente não imagina. Até que isso se espalhe, para que a transformação aconteça em todos os lugares. E que essas transformações aconteçam através de experiências de vida, não só de programações culturais. E eu queria falar um pouco da minha trajetória. Eu, quando era pequeno eu via a televisão, eu dava uma olhada nos jornais lá em casa, eu frequentava alguns lugares, eu ficava olhando as pessoas falando, só via bocas mexendo ali e o meu sonho é que um dia eu chegasse nesses lugares, eu visse jornalistas falando em libras, publicidade em libras, sabe? Que fosse um comercial de pasta de dente, mas que tivesse libras, que tivesse alguma referência que olhasse e falasse: “olha minha língua, olha os surdos ali”. Mas não tinha, a única coisa que eu via era a Xuxa fazendo ABC e eu falava: olha, tem ali, mas eu sei que ela era ouvinte e era apenas o abecedário...

⁷ Depoimento gravado e transcrito na avaliação realizada junto ao público no programa *Poéticas do acesso* no Sesc Belenzinho.

Mas quando eu entrei em contato com o MAM e comecei a frequentar aquele espaço, eu vi que aquilo que eu via na televisão e buscava começou a acontecer lá dentro do Museu de Arte Moderna. Foi um espaço que foi aberto para a gente ter contato com a arte e era um lugar grande, que me deu grande inspiração, era cheio de luz, era cheio de aprendizado e eu cresci vendo aquilo dentro do MAM, o MAM me deu um empoderamento, o MAM tem esse papel de empoderar as pessoas. Parecia que aquilo tomou conta de mim e me nutriu de uma experiência, de um conhecimento, que me abriu um caminho, que me ajudou a trilhar até onde que eu tô hoje. Eu já trabalhei em outros museus e outras instituições, eu conheci pessoas diferentes e não tinha nenhuma visão sobre acessibilidade, não tinha experiência de como se comunicar com as pessoas surdas e eu poeticamente tentei estabelecer trocas para que esses ambientes fossem transformados. E aí quando dava o meu momento: olha! Já aconteceu uma grande mudança, eu decidia ir para outro lugar, começar do zero, começar essa mudança, essa transformação e plantar outras sementes. Hoje eu vejo esses lugares que eu trabalhei e tenho consciência do meu papel de abrir caminhos, de começar mudanças. Eu fico muito feliz de ver as crianças surdas quando me olham com os olhinhos brilhando: “ele é uma referência, ele é um surdo!”. Eu já estive na televisão e em outros programas e outros surdos dessa época já começaram a alcançar esse espaço, essas crianças podem ver mais referências e sonhar e saber que elas podem chegar em algum lugar, que ela pode entrar em qualquer profissão, elas podem se formar, ser médicas, artistas, professoras, educadoras, poetas, atores e atrizes, diretores, cineastas... Eu vejo hoje que tem mais um caminho de possibilidades. Minha esperança é que daqui a cinquenta anos, quando eu estiver careca do cabelinho bem branquinho, velhinho, eu quero ver essas crianças lá onde a gente ainda não chegou, e eu não quero que a língua de sinais desapareça! Minha esperança é que os ouvintes também saibam falar em libras, cada vez mais, que as crianças, cada vez mais, nas escolas, porque a libras é nossa! E isso é poético, poéticas do acesso é a vida, na nossa vivência, que sempre vai se transformando, que é um dia após o outro, e que pode se tornar uma grande inspiração para cada uma das pessoas que estão aqui e não também.

Leonardo Castilho segue:

Eu, quando era pequeno, não conseguia me expressar, só comecei a perceber minha identidade quando entrei em contato com a arte. Na minha infância não havia referência de surdos atuando no campo da cultura, ou surdos artistas. E hoje temos referências, somos as referências, somos poetas! [...] Isso traz um conhecimento, uma experiência prática que muda nosso jeito de ver, a experiência artística proporciona um jeito da gente olhar e respeitar mais o outro, permite que aconteçam trocas de forma muito positiva, com todo mundo. Porque isso não é só para mim, ou para você, é para todo mundo. [...] A arte mexeu muito comigo porque eu, enquanto surdo, eu não tinha como conseguir uma conexão da arte com a minha identidade surda antes, eu não tinha referências, a única pessoa que eu tinha como

referência no teatro era o Sandro, que é um surdo ator, e ele era o único que eu conhecia que fazia alguma performance artística, e eu ficava buscando mais referências e não tinha. Eu era muito novo e nessa época eu assisti à arte de outra forma, eu tentava olhar as coisas na televisão e assistir algum espetáculo de dança, porque não dependia de eu entender, e aí quando eu comecei a ter contato com o MAM, e aí, cadê sua identidade artística? Você pode usar seu corpo, você tem um perfil! Essa identidade surda entra como, aí, nesse processo? Aí eu comecei a perceber, dentro do meu corpo, um manifesto. E aí, eu vou esconder isso? Não! E a sociedade vai precisar ver isso, e eu precisei perceber que a minha identidade surda podia contribuir muito com a arte e vice-versa. A libras, a gente diz que ela não é só uma língua – a língua primeira da comunidade surda – e não é só para as pessoas surdas! Eu acho que durante todo esse processo, o que pode-se ressaltar é que a libras pode ser uma performance poética, visual, sensorial, que a gente pode ver, sentir, cheirar, tocar, enfim... [...] E hoje em dia, depois de conhecer vários lugares do Brasil e encontrar muitas crianças e jovens surdos, eu comecei a perceber a importância que é essas pessoas terem uma referência, porque jovens surdos têm se descoberto poetas. O Edinho falou: na nossa geração, a gente não tinha essas referências. A gente precisou se tornar as referências para essas gerações que chegam. E eu acho que chegou o momento em que as pessoas ouvintes e surdas se uniram, então. Por exemplo, eu conheço o Rogério Ratão, eu sou surdo, ele é cego, a gente se comunica, ele é um grande amigo, a gente encontra estratégia de se comunicar e a vida é assim! A vida é comunicação, a vida é troca, a vida é sentir na pele, a vida é a realidade, não é só aquilo que a gente imagina.

Considerações finais

Alguns fatos relevantes no discurso de Leonardo e Edvaldo nos fazem refletir e nos encaminham à seguinte conclusão, não só sobre a educação museal, mas sobre o circuito cultural em geral: falta referência de pessoas surdas em diversas esferas como: público, trabalhadores da cultura, artistas e pessoas representadas nos acervos dos diversos espaços culturais. Atualmente essa realidade se transformou um pouco e há algumas referências, entre poetas, educadores e artistas. A atuação de pessoas como Leo Castilho e Edinho Santos ajuda a tomar consciência e ressignificar a compreensão e a conduta de pessoas, instituições e políticas públicas no que diz respeito à acessibilidade cultural, direitos fundamentais e representatividade das pessoas com deficiência.

O que podemos concluir sobre as premissas de educação museal através da análise de Regina Souza sobre o “Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz” e os percursos dos educadores museais surdos é que, para que a educação museal realmente se afirme e proporcione a formação crítica dos indivíduos e a

“emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la” (COSTA et al., 2018, p. 74), algumas premissas são essenciais: um tempo e espaço de estudo e pesquisa para ler questões da realidade e refletir sobre ela, para imaginar, expressar e encaminhar possíveis transformações. Essas não podem estar pré-determinadas de maneira que os jovens apenas as coloquem em prática. O espaço cultural deve ter abertura para alterar sua conduta. Espaços coletivos de criação e compartilhamento devem ser assegurados numa perspectiva continuada. Por último, algo que se faz claro no caso das pessoas com deficiência, mas que vale para todas as pessoas: sem equiparação de oportunidades e representatividade, nenhuma das transformações mencionadas será possível.

Referências

ALVES, Camila E se experimentássemos mais? Contribuições Não Técnicas de Acessibilidade em Espaços Culturais. Curitiba: Appris, 2021.

BAVCAR, Evgen. O museu de outra percepção. In: LEYTON, Daina. et al. **Programa Igual Diferente**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015.

CORPOSINALIZANTE. **SLAM DO CORPO** – novo jeito de falar; novo jeito de ouvir. Disponível em <<http://bit.ly/3VcNXzp>>. Acesso: 21 nov. 2022.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação Museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: IBRAM, 2018.

ESTELLES, Mirela. **Cultura tradicional da infância**: Família MAM, uma abordagem MAM Educativo. São Paulo: Centro de Referência de Educação em Museus, 2015. Disponível em <<http://bit.ly/3EnV6pP>>. Acesso: 12 jul. 2022.

EIJI, Hugo. Cultura Surda. Disponível em <<https://culturasurda.net/cultura-surda/>>. Acesso: 12 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

LEYTON, Daina; AIDAR, Gabriela. Prácticas educativas en instituciones culturales: aportes a partir de las relaciones entre públicos y museos. In: URRACO, Juan; MACCARI, Bruno (coord.). Enlaces compartidos: activando conversaciones sobre públicos, audiencias y comunidades. Buenos Aires: Secretaría de Cultura de la Presidencia de la Nación, 2019. Disponível em <<http://bit.ly/3XdkZRI>>. Acesso: 14 fev. 2022.

LEYTON, Daina; LUCENA, Cibele; MUSSI, Joana Zatz. O projeto “Aprender para Ensinar” e a mediação em museus por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Journal of Science Communication**, v. 7, n. 4, C07, 2008. Disponível em <<http://bit.ly/3i33inJ>>. Acesso: 14 fev. 2022.

LEYTON, Daina. A construção de sentido no contato com a arte. In: MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **Educação e acessibilidade**: experiências do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018, p. 19-28. Disponível em <<http://bit.ly/3GQjG5J>>. Acesso: 14 fev. 2022.

LEYTON, Daina. Poéticas do Acesso: a acessibilidade como criação poética. In: GONZÁLEZ, Aldo. *Museos e Inclusión: Perspectivas crítico-alternativas producidas desde Latinoamérica*. Chile: Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva, 2022.

LUCENA, C. **Beijo de línguas**: quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em <<http://bit.ly/3XjLDbA>>. Acesso: 13 fev. 2018.

MATOS, Maré de. **Fundamento**, 2019. Disponível em <<http://bit.ly/3qrl8k3>>. Acesso: 12 jul. 2022.

SOUZA, Regina Magalhães. Protagonismo Juvenil: O discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009. Disponível em <<https://doi.org/10.17921/2176-5626.n1p%25p>>. Acesso: 21 nov. 2022.